

## Ficha de Entrevistas

### INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

**Nome ou Apelido**

Leila Stungis

**Quem é?**

Com anos de experiência no terceiro setor, Leila Stungis foi coordenadora de projetos no Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD), da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social, e vice-presidente do Grupo Pela Vidda, ONG que gere o CRD e se propõe a dar apoio para pessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS.

**Responsáveis Pelo Entrevista**

Jaime Solares Carmona, acervo Repep, no dia 29 de setembro de 2016.

### TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Jaime: Oi, eu me chamo Jaime, eu sou voluntário na REPEP e eu vou conversar com a Leila.

Leila: Leila, aqui do Centro de Referência.

Jaime: Do Centro de Referência. Hoje é dia 29 de setembro e são 18h.

Leila: Eu autorizo a gravação e a divulgação dessas informações.

Jaime: Legal. Então, a REPEP é Rede Paulista de Educação Patrimonial. A gente tá ligado ao IPHAN, Instituto de Patrimônio e a USP. Esse grupo começou como um grupo de extensão dentro da USP e depois ele cresceu e agora virou um grupo de trabalho. A gente tá lidando com o Minhocão e a gente começou a ver como é que as mudanças pelas quais ele vai passar podem afetar as referências culturais da região. E aí, eu tô dentro do eixo LGBT e a gente levantou uma série de frentes, saberes, lugares, culturas...enfim, que são referências culturais que a gente identificou como referência cultural. E aí, eu tô trabalhando mais com a parte de montagem do drag queen e também do banheiro da República e do Arouche, que já existiram e não existem mais. E é basicamente isso. Só que a gente tá lidando com o tema de uma maneira mais ampla. Então, todos os eixos que a gente levantou são: montagem, drag queen, esse banheiro, praça da República, museu da diversidade, Largo do Arouche, a linguagem pajubá... sempre esqueço alguma coisa... a banda fuxico e... o que a gente chamou de circuito dos prazeres, que a gente ainda não definiu bem, mas tem a ver com saunas, prostituição, cinema... enfim, tudo aquilo que tem naquela região. E aí acho que pra começar, se você poderia falar alguma coisa sobre como surgiu o CDR...

Leila: CRD

Jaime: CRD! É... o Centro de Referência, e como é que ele se estrutura?

Leila: Tá, então vamo lá. O CRD é um projeto, tá? Ele não é uma instituição, ele é um projeto e é gerido pelo grupo Pela Vida, que é uma ONG que há 27 anos dá apoio para

peessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS e hoje é gerido pelo grupo Pela Vida e pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social. Então o financiamento vem da prefeitura e a gestão vem pelo grupo Pela Vida. O CRD surgiu em 2008, inicialmente foi um projeto da União Europeia, que buscava organizações no Brasil pra gestão de um Centro de Referência em Defesa para Diversidade e depois de um tempo a União Europeia saiu de cena, como financiadora, e a SMADES tomou conta do financiamento estrutural do CRD, né? Então hoje a gente conta com... é um serviço de portas abertas, é uma ferramenta da prefeitura e de portas abertas. A gente atende, prioritariamente, público LGBT em situação vulnerável e além do atendimento de demandas. O que seria atendimento de demandas? A pessoa vem aqui, pedindo ajuda para alteração de prenome, por exemplo, então ela vai passar por uma entrevista com um dos nossos orientadores, é feito um cadastro dessa pessoa, e depois ela passa pra nossa equipe técnica. Hoje, nós temos 4 orientadores, que fazem essa primeira entrevista e a equipe técnica, que é formada por duas psicólogas, duas assistentes sociais e um advogado. Normalmente, essa primeira entrevista é feita em dupla: com uma assistente social e uma psicóloga. Depois dessa primeira entrevista, essa pessoa vai ter um técnico de referência, que vai ser a referência dela aqui dentro do CRD. Muito bem, ela chega aqui com essa demanda pra alteração de prenome, dentro de toda essa entrevista a nossa equipe pode detectar outras demandas. Como por exemplo: "Qual o seu endereço?" "Ah, eu não tenho endereço, eu moro na rua", "Ok, então você não quer procurar junto com a gente um centro de acolhida?", por exemplo, "Ah vc faz algum tratamento de saúde?" "Não." "Mas você já fez exames, pra saber se tudo ok?" "Você não quer então ser encaminhada para um CRT? Pro ambulatório de travestis e transexuais? Então são esses encaminhamentos que nós fazemos. Aqui no CRD a gente não efetiva nada, mas a gente dá o norte para essas pessoas.

Jaime: Por isso que é referência?

Leila: Exatamente. Então a gente consegue dar esses encaminhamentos. Fora isso, fora esse atendimento lá embaixo, que é o atendimento de base, a gente faz várias ações pra resgate de cidadania dessas pessoas, tá? O mais importante de sensibilizar a sociedade é sensibilizar essa pessoa porque ela é uma cidadã. Então ela já sofreu tanto preconceito que na maioria das vezes ela se esquece disso. Então a gente tem várias oficinas, que sim, são de capacitação, mas o principal objetivo é a reinserção social. Não a reinserção no mercado de trabalho, claro que a gente se preocupa com isso também, mas o principal é a reinserção social. Então hoje a gente tem, oficina de cabeleireiro, oficina de maquiagem, oficina de informática, oficina de inglês, português, espanhol, dança, coral... a gente tem a parceria com o coletivo Transformação que são alunos da USP que fazem um cursinho preparatório pro ENEM, yoga... são essas as oficinas. Então todas têm matrícula, no final tem certificado, e além do tema básico da oficina, são tratados os temas transversais, que são os temas sociais: saúde, cidadania, comportamento... Enfim, fora essas oficinas, a gente tem algumas ações lá em baixo que a gente chama de oficinas abertas que não precisam de matrícula, que são mais espaços de discussão. A gente tem o espaço "provocação", que é um espaço muito interessante, que acontece duas vezes por semana e que é um espaço muito democrático onde a gente aborda diversos assuntos trazidos pelos nossos usuários. Então, eleições, por exemplo, direito de cidadania, saúde, políticas LGBTs... Enfim, a gente tenta nesse espaço informar aos nossos usuários quais são os direitos e deveres deles dentro da sociedade. Fora isso, a gente tem o cineclubes CRD, que a gente passa um filme, normalmente ligado a comportamento, a cultura LGBT e depois tem uma discussão com um

dos nossos funcionários mediando. Todas as atividades têm os nossos funcionários mediando. Nós temos também algumas atividades com alguns estagiários de psicologia do Mackenzie, que também são todas oficinas ligadas pra direito e cidadania e fora isso, a gente tem também um outro trabalho na ponta, que é um trabalho mais voltado pra sociedade que é o trabalho de sensibilização. Então a gente vai a ferramentas públicas, centros de acolhida, penitenciárias, centros de saúde e faz uma sensibilização de acolhimento do público LGBT. Então respeito de nome social, respeito ao gênero, respeito à orientação sexual... É uma sensibilização mesmo de abordagem, e é isso. Hoje a gente tem aproximadamente 3500 prontuários abertos e a média de atendimento é de 1500 pessoas por mês.

Jaime: Nossa! Bastante gente

Leila: É bastante atendimento. Claro que a mesma pessoa passa mais de um atendimento, né. Mas a média é de 1500 atendimentos por mês. E aqui, a gente faz além dessa busca voltada pro serviço social de centro de acolhida, de centros de saúde, a gente faz também a abertura de processos de alteração de pronome, abertura de processo pra asseguarção de direitos humanos, todos com o coletivo do GEDIS que é o coletivo do Largo São Francisco, dos alunos do Largo São Francisco. Então a nossa advogada entra no processo com eles e eles entram com o processo judicial

Jaime: E você consegue perceber que o fato do CRD ser no centro, de alguma maneira, afeta o fluxo de pessoas. Ou seja, se fosse em outro lugar talvez ele teria menos impacto?

Leila: Eu creio que sim.

Jaime: Porque aqui?

Leila: Porque historicamente, principalmente esse quadrado aqui da Rego Freitas, Amaral Gurgel, Praça da República, Beira de Carvalho ele é um reduto LGBT. É inegável isso, sempre foi, é histórico. E por ser histórico, muitas dessas pessoas criaram residência aqui, seja ela residencial, física ou na rua. Então, na minha opinião é inegável, claro que sim, existem outros públicos em outros espaços de São Paulo, mas historicamente o centro é um reduto LGBT.

Jaime: E você consegue perceber como já começa a mudar o perfil de pessoas que vieram morar de uns dez anos pra cá? Porque eu tava vindo, não vou lembrar o nome mas... um desses edifícios, essas incorporadoras e tal, tipo Life, um nome genérico, em geral eles são um quarto. Então, que perfil de pessoa ele quer trazer e que perfil ele... Você já consegue sentir esse tipo de...?

Leila: Olha, é muito engraçado, isso deveria ter até um estudo histórico mais aprofundado porque a maioria das acomodações do centro... Eu mesma, moro em um apartamento aqui próximo, ali na Praça Rotary e o prédio que eu moro tem 80 anos. É formado por no máximo um apartamento de um quarto, é um quarto kitnet. Não sei se, de repente, tem um envolvimento histórico de casa de passagem, pessoas que vinham pra cá pra estudar, né, estudantes... Porque a gente tem aqui a Santa Casa, que tá aqui há muito tempo, o Mackenzie que tá aqui há muito tempo, A PUC que tá aqui há muito tempo... Ou então mesmo pessoas que chegavam a São Paulo e ficavam aqui um curto período de tempo até

achar uma outra moradia, eu não sei te dizer mas eu creio que isso não é novo, sabe? Essa coisa do perfil de pessoas que moram no centro não ser de famílias tradicionais, aquela coisa de família adoriana, de dois filhos e um cachorro. Não sei, acho que talvez esse deva ser um estudo mais aprofundado, mas não é de hoje, isso eu já consigo te assegurar. A ocupação do centro não é de hoje, não é de uma forma tradicional.

Jaime: Sim, mas parece que o perfil de pessoas que eles esperam que viva nesses edifícios é outro. Ou seja, quando você vai conversar, ou quando você vê o valor, metragem e tal... Tudo isso tem a ver com... Veja, eu sou arquiteto e aí você percebe um pouco através disso o processo de gentrificação. Não sei se você está familiarizada com o termo.

Leila: Não.

Jaime: Gentrificação a grosso modo é quando muda o perfil de pessoas que moram num lugar. Então, por exemplo, na Santa Cecília, aqui na General Jardim, você consegue sentir. Por exemplo, o Barriga de Porco, que é um restaurante que tem um determinado público, antes era um mercadinho de bairro. Ou, sei lá, esse edifício que eles vão construir, esse tipo de processo de valorização imobiliária, que no geral é acompanhado por uma mudança no perfil de comércio é o que a gente chama de gentrificação. É porque quando você começa a perceber aqui próximo essas mudanças, essas forças e tal, você mesma falou que muita gente mora aqui nesse quadrilátero... A nossa preocupação é exatamente como que esse processo pode expulsar essas pessoas daqui, ou pra onde elas vão se o preço do aluguel subir muito, ou se o edifício foi vendido etc. e tal. Se eles começarem a ter uma política de policiamento um pouco mais agressiva, não deixar as pessoas em situação de rua morarem lá... esse tipo de situação. E aí você consegue perceber algum tipo de sensibilização das pessoas que moram aqui em relação a isso ou é algo muito novo?

Leila: Olha, eu acho que depende muito. A gente tem duas fatias bem distintas, né, e que devem ser levadas em consideração. Primeiro a fatia jovem que mora no centro, justamente por causa da proximidade das universidades, ou então por escolha mesmo. Essa fatia é uma fatia mais familiarizada a tudo isso. É muito engraçado, morar no centro é muito extremo, ou você tem pessoas muito jovens ou você tem pessoas bem idosas que moram em apartamentos grandes...

Jaime: De 80m²...

Leila: Exatamente, eu acho elas estão familiarizadas, mas não aceitam, entende? Eu acho que como essa coisa do reduto LGBT não foi de uma hora pra outra, foi sendo construído, eu acho que essas pessoas passaram por essa construção e não perceberam essa transição, entende? Então é aquela coisa, "Ok, mas enquanto tiver fora da minha casa.". Eu moro aqui no centro há 10 anos, e eu vi muita diferença no estilo de vida. Eu mudei aqui pra Vila Buarque eu pagava num apartamento de um quarto só, cozinha e banheiro 700 reais. Hoje eu tive que me mudar e pago 1200 numa kitnet de 15m² (risos). E você não acha apartamento, e rolou uma valorização absurda. Tinha uma padaria ali na Marquês de Itu próximo a Santa Casa que era um pé sujo...

Jaime: Eu sei qual é.

Leila: É, que agora é a (nome da padaria)

Jaime: Eu sei qual é.

Leila: E do dia pra noite , pá! Uma padaria chiquíssima, com um visual super legal e tal. Super estética, muita coisa estética, né? Essa coisa moderna e tal do dia pra noite! Aconteceu muito isso. Como a questão do restaurante do porco, era um supermercado horroroso e pá! De repente, do dia pra noite, um restaurante chiquíssimo. Tem acontecido muito isso aqui no centro, não sei se porque as pessoas têm levado em consideração essa pegada mais cool do centro, sabe?

Jaime: Acho que tem a ver também com a saturação de algumas regiões... o valor aqui era mais baixo e agora tá subindo. Mas ainda é relativamente mais baixo em relação a outras partes da cidade.

Leila: Fora a movimentação de pessoas, né? Que pra comércio é uma coisa muito interessante. Talvez as pessoas estejam ficando mais exigentes também... onde elas frequentam. Mas a questão LGBT, essa coisa de "ah se ficar muito caro elas já não vão morar aqui". Eu, na minha opinião, pelo que eu vivo no CRD, eu consigo perceber que quem não tem dinheiro, não mora aqui. As meninas não moram aqui, as que realmente não tem dinheiro moram em centros de acolhido, e as meninas que fazem ponto aqui ou elas tem muita sorte de conseguir uma vaga em um dos apartamentos aqui do minhocão, dividindo com outras meninas e tal, ou elas moram fora do centro.

Jaime: Onde?

Leila: Olha, a gente tem um reduto bem grande na zona sul. Inclusive, abriu outro Centro de Referência na zona sul, ali na casa verde, também tem outro reduto. Mas tem meninas de todo qualquer canto da cidade, então eu não vejo isso de... Ou então, uma outra coisa, a questão da cafetinagem, né? Que hoje pode ser meio absurdo isso mas não existe mais cafetinagem.

Jaime: Ah é?

Leila: As antigas cafetinas... elas alugam os apartamentos pras meninas, é com isso que elas ganham dinheiro. Então, se aumentar o preço do aluguel não vai fazer diferença.

Jaime: Mas aí será que as meninas não vão ter que trabalhar mais ainda?

Leila: Não sei, porque acho que a cafetina não vai seguir essa coisa de valorização imobiliária, entende o que eu quero dizer?

Jaime: Sei sei.

Leila: Porque é uma coisa meio que família. "Ah ela é filha de fulana.", Não é filha, mas ela mora no apartamento da fulana.

Jaime: E você falou que o pessoal não mora aqui. Tem muita gente fora de São Paulo?

Leila: Muita

Jaime: Eles vêm pra que?

Leila: Pra tentar uma vida, pra se hormonizar, pra fazer cirurgia, pra colocar silicone, pra se montar. E isso é um dos grandes problemas que a gente vê aqui. A menina sai do interior enquanto rapaz, né? E junta lá seus 5000 reais e vem pra São Paulo e resolve se montar. Resolve não, tem a oportunidade de se montar. Daí ela percebe o quanto é caro hormônio, o quanto é caro bombar perna e bunda, o quanto é caro colocar um silicone, o quanto é caro colocar um cabelo. Daí você vê essas meninas transformadas pela metade, porque não conseguiu dinheiro, entendeu? Daí elas entram em depressão, porque a própria hormonização desregula completamente. Eu tenho um exemplo de uma colega de trabalho minha que ela fala que é uma eterna TPM, enquanto ela tava tomando hormônio. Tanto que é uma forma de falar no pajubá "Tá tomando hormônio, né?", "Tá nervosa!" e é isso mesmo, elas ficam completamente desreguladas.

Jaime: Quando elas não conseguem finalizar o processo, elas trabalham com o quê?

Leila: Prostituição.

Jaime: Principalmente?

Leila: Principalmente. E droga. Prostituição e droga. E daí, elas entram em depressão, elas começam a consumir álcool, elas entram na mendicância. Enfim, é o grande problema delas. Porque é caro, é muito caro! Se você for ver... silicone tem no SUS? Não! O que adianta ela se hormonizar? Ela vai querer colocar peito, ela vai querer colocar bunda, vai querer colocar cabelo. Uma manutenção de mega hair curta 1500 reais por mês. Daí fica aquela coisa meio estranha, consegue colocar o cabelo mas não consegue comprar hormônio, aí fica com barba e não consegue fazer programa, aí vira uma bola de neve.

Jaime: Você acha que você consegue perceber que algumas delas vem ou permanecem só como... por exemplo, drag queen? Ou é um processo totalmente diferente? Ou seja, quem vem com a intenção de transicionar passa por isso, passa por esse processo de se identificar, de se vestir ou...?

Leila: É... eu vejo como coisas muito diferentes, a drag queen e a transsexual, eu vejo como coisas muito diferentes. A maioria das drag queens que eu conheço são homens cis, eles se identificam com o corpo deles, mas eles se montam pra show, pra festa... enfim, nem que seja pra ir a uma festa montada. Mas, no cotidiano deles, eles são gays, são homens cis, eles não querem fazer nenhuma alteração no corpo. Existem sim, muitas transsexuais que gostam de fazer performances, mas não que elas se identifiquem como drag queen.

Jaime: Sim, como uma performance artística.

Leila: Exatamente, exatamente. Elas são mulheres transsexuais que gostam de fazer performances, elas não são drag queens.

Jaime: Alguma dessas que você conhece consegue se sustentar economicamente só pela performance ou só pela vida noturna, como DJ enfim.

Leila: Não. Aliás, nem as drag queens mesmo que eu conheço conseguem se sustentar só com isso. Não conheço nenhuma. Aqui, né? Claro que deve existir mas, não conheço nenhuma.

Jaime: E elas costumam vir pro CRD procurando o que no geral? Quem é drag queen.

Leila: Olha, eu acho difícil a gente ter alguém aqui. Porque o nosso perfil, veja bem Jaime, são pessoas que elas estão... elas não estão nem contabilizadas pela prefeitura. São pessoas num extremo, que muitas delas vem aqui pra participar de uma oficina pra poder ganhar um lanche. São meninas que descobriram que na vida você só consegue alguma coisa se for na base da troca, entende? Então não consigo ter esse público, assim. Outra coisa, ser drag queen custa muito dinheiro.

Jaime: É muito caro.

Leila: Muito caro. Eu conheço alguns amigos meus que fazem trabalho de drag mas assim, muito como uma coisa super... bico. "ah vou fazer uma animação numa despedida de solteiro" "Vou fazer uma animação num chá de cozinha".

Jaime: Em geral não é a principal fonte de renda?

Leila: Não, não. É mais, realmente, pra ganhar uma grana, só, não como sustento.

Jaime: E é gente de que faixa etária em geral?

Leila: Olha, eu conheço drag queens na faixa já dos 50, quase 60 e eu conheço de 20, 25...

Jaime: Você consegue perceber que essas gerações se comunicam de alguma maneira?

Leila: Acho que sim, com referências... Acho que as pessoas, as mulheres que elas idolatram continuam sendo mais ou menos a mesma coisa, a mesma linha. Mesmo as mais antigas curtem Beyoncé. As mais novas curtem Marilyn Monroe, como uma referência, entendeu? Então, nesse quesito sim, ou então mesmo as drags mais antigas, elas são respeitadas por toda essa faixa. Sim, elas se comunicam sim!

Jaime: Essa coisa que você tinha comentado de casa, no mundo drag queen também existe? Você consegue perceber que, por exemplo, uma drag queen mais antiga, que tá há mais tempo atuando...

Leila: Menino, olha, outro dia eu fiquei passada em descobrir que a Isabelita dos Patins ela tá morrendo de depressão dentro do apartamento.

Jaime: Não sabia disso, é muito solitário.

Leila: Muito, muito! E se você for ver elas mexem muito com a beleza, né? Com o bonito, com o divo... E infelizmente, a idade avançada não tem nada disso. Elas perdem isso, é como se perdesse um sonho. É muito mais complicado do que pra quem é cis, realmente assim e que não curte nada disso, é muito complicado.

Jaime: Eu vi aqui que no CRD vocês tiveram uma oficina de drag queen, de maquiagem, com a Sissi né?

Leila: É, na verdade a Sissi é nossaicineira de maquiagem. Ele dá aula, como Ailton, toda semana, toda terça-feira aqui. E um dos módulos é a maquiagem de drag queen, é a maquiagem performática. Terça feira das 15h às 18h.

Jaime: Tá, talvez a gente tenha que dar um pulo aqui.

Leila: Ah, legal! Avisa antes pra eu poder conversar com o Aílton pra ver se tá tudo ok, se não tem problema.

Jaime: Tudo bem!

Leila: Mas ele dá sim. É legal que no final do ano que a gente faz um... Na verdade, a gente faz 3 saraus durante o ano e no final do ano as meninas se apresentam, fazem uma performance tal. É bem bacana.

Jaime: E quem vem pra essas aulas de maquiagem. É só gente que quer se montar ou você vê gente trans?

Leila: Não, muita trans.

Jaime: Principalmente trans?

Leila: Principalmente trans. Tem também o lance do transcidadania, né? Que a gente meio que trabalha em parceria com o projeto transcidadania, da prefeitura. Não sei se você conhece.

Jaime: Não.

Leila: É um grupo de meninas, não sei ao certo quantas meninas. Jaime. Elas se inscrevem no transcidadania e elas recebem uma bolsa auxílio de um salário mínimo. Mas aí elas têm vários requisitos a serem cumpridos, então estudar em um curso regular ativo, fazer cursos de capacitação e os cursos de capacitação que elas escolhem muitos são aqui no CRD.

Jaime: Entendi. É desse governo, né?

Leila: Isso, é super recente.

Jaime: Eu nunca tinha me aprofundado, mas acho que já ouvi falar sim.

Leila: Não, é super recente.

Jaime: Legal. Em relação ao banheiro, você sabe de alguém talvez que seja mais velho, que frequente o CRD, que tenha tido mais experiência na época que o banheiro existia, se você tem alguma informação... que é algo difícil de recuperar, que eu não tenho... não tem registro histórico.

Leila: Não não, quem pode te dar muita informação, não digo do banheiro, mas de todo esse quadrilátero aqui é o Rodrigo, que é um colega nosso, que ele participa também de um projeto de prevenção. Eles vão nas casas noturnas, nas saunas e nos cinemas pra entregar preservativo. De repente ele tem uma opinião diferente. Eu só não sei se ele tá no horário de janta dele agora...(verifica no celular).

Jaime: Eu vim no final, vi que já tava fechando aqui.

Leila: Não! A gente fecha às 22h.

Jaime: Ah é? Ah tá! (risos) Acho que acabou o exame.



Leila: É, acabou o teste rápido. Mas aqui às 19h a gente tem aula de informática. Mas eu acho que isso você poderia conversar com o Eduardo e com o Rodrigo, acho que eles conseguem te dar uma visão melhor.

Jaime: Acho que o único material que eu posso chegar são pessoas.

Leila: Ah sim, com certeza! Essa história é uma história riquíssima, tudo o que eu sei é de pessoas que me contam. Até aqui da Major Sertório, do outro lado da Amaral Gurgel, que quando tinha as casas de shows onde as drags faziam performance. Porque antes, era uma coisa super familiar, as performances de drag eram uma coisa familiar, o cara levava a mãe, a namorada pra assistir um show.

Jaime: Era um mega show!

Leila: Exatamente! A gente via muito isso no programa do Silvio Santos, era esse show, não era uma coisa sexualizada! Era realmente uma performance. É muito curioso isso, e tudo o que eu sei é de boca em boca, não tem nenhum registro histórico disso. Engraçado, né? Uma pena.